

FORMAÇÃO DOCENTE NA SALA DE AULA: UM ECOSISTEMA FORMATIVO PARA O ENSINO DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS

Juliana de Moraes Prata¹
Lidiane de Oliveira Pereira dos Santos²
Taiany Gabriel Sobrinho³

Resumo

Este texto apresenta um relato de experiência sobre a formação inicial de professores no contexto do ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). O objetivo é analisar de que maneira a participação de estudantes de licenciatura em projetos articulados de ensino, pesquisa e formação contribui para a construção de saberes docentes relacionados ao ensino da escrita e para a compreensão das desigualdades educacionais presentes no cotidiano escolar. A pesquisa possui abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico, organizada como relato de experiência pedagógica. Os procedimentos metodológicos envolveram observação participante das práticas pedagógicas, acompanhamento das atividades formativas realizadas pelos licenciandos e análise das intervenções didáticas desenvolvidas na turma. A experiência articula três projetos institucionais complementares: Iniciação à Docência, Estágio Interno Complementar e um projeto de pesquisa-formação, que constituem um ecossistema formativo centrado na escrita como objeto de ensino, campo de investigação pedagógica e ferramenta de equidade educacional. Nesse contexto, estudantes bolsistas participam do cotidiano das turmas de 3º, 4º e 5º anos, apoiando atividades de alfabetização, leitura e produção textual em diferentes níveis de aprendizagem, uma vez que o acesso à cultura escrita é desigual. A análise de uma sequência didática desenvolvida a partir da biografia de Carolina Maria de Jesus evidencia o papel das mediações pedagógicas realizadas pelas bolsistas no planejamento e acompanhamento da escrita dos estudantes. Os resultados indicam que a inserção dos licenciandos em práticas pedagógicas reais favorece a construção de saberes docentes relacionados à observação pedagógica, à mediação didática e ao planejamento do ensino da escrita, contribuindo para a compreensão da escrita como prática social fundamental para a aprendizagem escolar e para a promoção da equidade educacional.

Palavras-chave: formação de professores; anos iniciais; ensino de escrita; desigualdade social; práticas pedagógicas.

Introdução

A formação inicial de professores constitui um dos temas centrais do debate educacional contemporâneo, especialmente diante das complexidades que atravessam a escola pública e dos desafios relacionados aos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica. Falar de

¹ Doutora em Educação. Professora Adjunta no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. UERJ. E-mail: julianaprata.prof@gmail.com

² Licencianda em Pedagogia. Bolsista do Projeto de Iniciação à Docência Práticas Pedagógicas de Fomento à escrita nos anos iniciais do ensino fundamental- PRÓ-ESCRITA. UERJ. E-mail: lidianeacjb@gmail.com

³ Licencianda em Geografia. Bolsista do Projeto de Estágio Interno Complementar Laboratório de recursos para o ensino de escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. UERJ. E-mail: gabrieltaiany2@gmail.com

formação inicial é, de certa forma falar de legado, mas principalmente é falar de futuro. Do futuro da educação e, sobretudo, do futuro de um país. No cotidiano das escolas, não é incomum que docentes em exercício expressem inquietações sobre o futuro da profissão e sobre quem serão os professores que atuarão nas próximas gerações. Em conversas comuns nas salas de professores, emergem questionamentos acerca das condições atuais do trabalho docente, do interesse das novas gerações pela carreira e da capacidade das instituições formadoras de preparar profissionais para atuar em contextos escolares marcados por desigualdades sociais, demandas pedagógicas crescentes, transformações nas políticas educacionais e plataformização da educação. Essas indagações, longe de constituírem apenas manifestações individuais, refletem tensões estruturais que já se instalaram no campo da crise do trabalho e no campo educacional e evidenciam a necessidade de repensar os modos como os futuros professores são formados.

Nesse cenário, diferentes estudos e experiências formativas têm indicado que a preparação docente não pode se restringir à apropriação de conteúdos teóricos ou à realização pontual de estágios obrigatórios, frequentemente limitados à observação das aulas ou à coparticipação em atividades pedagógicas previamente conduzidas pelo professor regente. Ao contrário, torna-se cada vez mais necessário que os processos de formação inicial possibilitem a inserção dos licenciandos em situações concretas de ensino, nas quais seja possível compreender a dinâmica das práticas pedagógicas, acompanhar os processos de aprendizagem dos estudantes e analisar as condições institucionais e sociais que estruturam a vida escolar.

Nesse tipo de experiência formativa, os licenciandos passam a acompanhar de maneira mais contínua a rotina do trabalho pedagógico em sala de aula, situando-se em um *entrelugar* formativo: não ocupam plenamente a posição de professores responsáveis pela turma, mas também não permanecem apenas na condição de observadores externos. Como estudantes-bolsistas vinculados a projetos de ensino, participam ativamente das práticas pedagógicas, apoiando intervenções didáticas, acompanhando o desenvolvimento das atividades escolares e refletindo sobre os processos de ensino e aprendizagem vivenciados no cotidiano da escola. A aproximação entre universidade e escola, portanto, configura-se como dimensão fundamental para a construção de saberes docentes capazes de articular reflexão teórica, experiência pedagógica e compromisso com a realidade educacional.

Sendo assim, compreendemos esse espaço de atuação dos licenciandos como um *entrelugar formativo*, isto é, uma posição pedagógica e institucional situada entre a condição de estudante universitário e a prática docente em desenvolvimento. Nesse entrelugar, os

licenciandos participam do cotidiano escolar não apenas como observadores ou estagiários eventuais, mas como sujeitos implicados nas práticas pedagógicas que se desenvolvem na sala de aula, colaborando com o planejamento e a realização de atividades didáticas, acompanhando os processos de aprendizagem dos estudantes e refletindo sobre as condições concretas do trabalho docente. Trata-se, portanto, de uma experiência formativa que articula observação, intervenção e reflexão, permitindo que os futuros professores construam saberes profissionais a partir da vivência direta das práticas educativas, num formato que assemelha às práticas de residência pedagógica.

No contexto apresentado neste artigo, esse entrelugar formativo se materializa na participação de estudantes bolsistas de licenciatura em projetos de ensino, pesquisa e formação que se desenvolvem no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Ao integrarem essas iniciativas, os licenciandos passam a atuar no cotidiano das turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, apoiando práticas de alfabetização, leitura e produção escrita em diferentes níveis de aprendizagem. Essa inserção continuada nas rotinas pedagógicas permite que os estudantes em formação acompanhem os processos de desenvolvimento da escrita ao longo do ano letivo, experimentem diferentes estratégias didáticas e reflitam sobre os desafios que atravessam o ensino da linguagem escrita na escola pública.

É nesse ponto que se constitui aquilo que denominamos, neste trabalho, de ecossistema formativo em torno da escrita. Esse ecossistema é composto por projetos institucionais que se retroalimentam e que articulam três dimensões fundamentais da formação docente: a prática pedagógica em sala de aula, a produção de materiais e estratégias didáticas e a investigação sobre os processos de ensino e aprendizagem da escrita. Ao integrar essas dimensões, os projetos possibilitam que a escrita seja compreendida simultaneamente como objeto de ensino, campo de investigação pedagógica e ferramenta de equidade educacional.

No campo específico do ensino da linguagem escrita, essa aproximação assume papel ainda mais relevante. A escrita constitui uma ferramenta central para a participação dos estudantes nas práticas escolares e na vida social, sendo também um dos principais meios de construção e circulação do conhecimento na escola e com acesso desigual. No entanto, o ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental permanece marcado por desafios importantes, relacionados tanto às desigualdades educacionais quanto às dificuldades encontradas pelos professores na organização de práticas pedagógicas que apoiem o desenvolvimento progressivo da produção textual dos estudantes.

A literatura da área tem destacado que aprender a escrever envolve processos complexos, que incluem planejamento, elaboração, revisão e reflexão sobre o texto, demandando práticas pedagógicas sistemáticas e mediadas pelo professor (CAMPS, 2006). Nesse processo, a escrita precisa ser compreendida não apenas como produto, mas como atividade discursiva e prática social que se constrói ao longo da escolarização (GERALDI, 1991). Assim, o desenvolvimento da escrita exige oportunidades frequentes de produção textual, interação com diferentes gêneros discursivos e acompanhamento pedagógico que permita aos estudantes avançar em seus modos de organizar ideias e expressá-las por meio da linguagem escrita.

Diante desse cenário, a formação inicial de professores precisa considerar não apenas o domínio de conhecimentos teóricos sobre o ensino da linguagem, mas também a participação ativa dos licenciandos em contextos pedagógicos reais, nos quais seja possível observar, analisar e intervir nos processos de ensino e aprendizagem da escrita. A vivência de práticas pedagógicas concretas permite que futuros professores compreendam os diferentes níveis de desenvolvimento da escrita entre os estudantes, experimentem estratégias didáticas e reflitam sobre os desafios que atravessam o ensino da produção textual nos anos iniciais.

Partindo dessa perspectiva, este artigo apresenta uma experiência formativa desenvolvida no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), na qual projetos de ensino, pesquisa e formação docente se articulam em torno do ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A proposta envolve a participação de estudantes de licenciatura em atividades pedagógicas realizadas em turmas de 3º, 4º e 5º anos, apoiando práticas de alfabetização, leitura e produção escrita em diferentes níveis de aprendizagem.

A hipótese que orienta esta experiência é que a formação inicial de professores pode ser potencializada quando ocorre em um ecossistema formativo que articula pesquisa, prática pedagógica e produção didática. Nesse tipo de organização formativa, os licenciandos participam de intervenções reais no ensino da escrita, desenvolvendo práticas pedagógicas, elaborando materiais didáticos e refletindo sobre os processos de aprendizagem dos estudantes. Esse conjunto de experiências possibilita a construção de saberes docentes produzidos na interface entre universidade e escola, contribuindo para a compreensão da escrita como prática pedagógica, campo de investigação e ferramenta de equidade educacional.

Com base nesse pressuposto, o objetivo deste artigo é analisar como a participação de estudantes de licenciatura em projetos articulados de ensino, pesquisa e formação contribui para a construção de saberes docentes relacionados ao ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino

Fundamental. E busca responder à questão de pesquisa: de que maneira a participação de licenciandos em um ecossistema formativo que articula pesquisa, prática pedagógica e produção didática contribui para a construção de saberes docentes relacionados ao ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para isso, apresentamos e discutimos três projetos institucionais que compõem esse ecossistema formativo e analisamos as práticas pedagógicas desenvolvidas na turma acompanhadas pelos licenciandos.

Metodologia

A investigação apresentada neste artigo insere-se no campo das pesquisas qualitativas em educação e assume a forma de um relato de experiência analítico, desenvolvido a partir da articulação entre projetos de ensino, pesquisa e formação docente realizados no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). O estudo foi orientado pela questão de pesquisa que buscou compreender de que maneira a participação de licenciandos em um ecossistema formativo articulado contribui para a construção de saberes docentes relacionados ao ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Do ponto de vista metodológico, o estudo aproxima-se da perspectiva da pesquisa-formação (NÓVOA, 2009), compreendida como abordagem investigativa em que formação docente e produção de conhecimento se desenvolvem de forma articulada. Nessa perspectiva, a prática pedagógica não é apenas objeto de análise posterior, mas constitui espaço privilegiado de reflexão sobre o trabalho docente e de construção de saberes profissionais a partir da experiência vivida no cotidiano escolar.

No contexto desta pesquisa, a investigação se desenvolve a partir da articulação entre três projetos institucionais da escola: o projeto de Iniciação à Docência (ID) *Práticas Pedagógicas de Fomento à Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Escrita*, o projeto de Estágio Interno Complementar (EIC) *Laboratório de Recursos para o Ensino de Escrita nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental* e o projeto do Programa de Inovação Pedagógica (PID) *A Escrita como Prática e Método de Investigação: laboratório didático na formação de professores dos anos iniciais*. Em conjunto, esses projetos constituem um ecossistema formativo no qual práticas pedagógicas, produção didática e investigação acadêmica se articulam em torno do ensino da escrita.

A participação dos licenciandos ocorre no cotidiano das turmas de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, nas quais estudantes bolsistas atuam em colaboração com os professores

regentes em atividades relacionadas à alfabetização, leitura e produção textual. A análise apresentada neste artigo foi construída a partir da observação participante das práticas pedagógicas, do acompanhamento das intervenções realizadas pelos bolsistas e das reflexões produzidas nas reuniões de planejamento e formação vinculadas aos projetos. A partir desses registros, buscamos compreender como a inserção dos licenciandos em práticas pedagógicas reais contribui para a construção de saberes docentes e para a compreensão do ensino da escrita como prática pedagógica e campo de investigação.

O ecossistema formativo da escrita: articulação entre ensino, pesquisa e produção didática

A experiência analisada neste estudo organiza-se a partir da articulação entre três projetos institucionais desenvolvidos no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), que envolvem estudantes de licenciatura em atividades pedagógicas relacionadas ao ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Em vez de atuarem de forma isolada, esses projetos operam de maneira complementar, constituindo aquilo que denominamos, neste trabalho, ecossistema formativo da escrita. Essa noção busca evidenciar uma organização formativa na qual prática pedagógica, produção didática e investigação acadêmica se articulam em torno de um mesmo objeto de trabalho: o desenvolvimento da linguagem escrita na escola. Ao compreender a escrita como prática social e objeto central do trabalho pedagógico, essa organização formativa aproxima-se das discussões que destacam o papel da escola (GERALDI, 1991; PIETRI, 2007) na constituição das práticas de produção textual e de autoria dos estudantes.

No projeto de Iniciação à Docência, a ênfase recai sobre a inserção dos licenciandos no cotidiano da turma e sua participação em intervenções pedagógicas relacionadas à produção textual. No Estágio Interno Complementar, ganha centralidade a elaboração de materiais didáticos e a organização de recursos pedagógicos para o trabalho com leitura e escrita. Já no projeto de pesquisa-formação (PID), as experiências pedagógicas desenvolvidas em sala de aula passam também a ser objeto de investigação, permitindo que práticas e intervenções sejam analisadas à luz de questões mais amplas sobre ensino da escrita, formação docente e desigualdades educacionais. A potência do ecossistema reside justamente nessa circulação contínua entre fazer pedagógico, elaboração didática e reflexão investigativa.

Essa articulação desloca os licenciandos de uma posição periférica, frequentemente associada apenas à observação, para um lugar de participação ativa nas práticas pedagógicas. Ao acompanhar as atividades escolares, participar das intervenções didáticas e discutir coletivamente as experiências vividas em sala de aula, os estudantes em formação passam a construir um repertório de saberes profissionais que articula observação pedagógica, planejamento e reflexão sobre o ensino da escrita, compreendida como processo de elaboração textual que envolve planejamento, textualização e revisão (CAMPS, 2006).

O entrelugar formativo e a atuação dos licenciandos

Nesse contexto, os licenciandos passam a ocupar aquilo que denominamos entrelugar formativo, situado entre a condição de estudantes universitários e a experiência inicial de atuação docente. Essa posição intermediária permite que acompanhem a rotina das turmas de forma continuada, participem das propostas pedagógicas e, ao mesmo tempo, reflitam sobre essa experiência em processos formativos coletivos.

Na prática, esse entrelugar se concretiza na participação dos bolsistas em atividades de alfabetização, leitura e produção escrita desenvolvidas nas turmas de 3º, 4º e 5º anos. Ao acompanhar estudantes com diferentes níveis de aprendizagem, os licenciandos passam a observar mais atentamente os processos de elaboração textual, as dificuldades recorrentes e as mediações necessárias para apoiar o desenvolvimento da escrita. Esse acompanhamento próximo permite compreender a produção textual como atividade complexa (PIETRI, 2013), atravessada por diferentes níveis de domínio da linguagem escrita e por demandas pedagógicas diversas.

Esse contato direto com a heterogeneidade da sala de aula favorece a construção de um olhar pedagógico mais atento para os processos de aprendizagem. Os futuros professores passam a compreender que a escrita não se desenvolve de forma homogênea e que o ensino da produção textual exige escuta, tomada de decisões didáticas e adaptação das propostas às necessidades dos estudantes. Nesse processo, a docência aparece menos como aplicação de técnicas previamente definidas e mais como atividade interpretativa e relacional (GERALDI, 1991; SPINILLO; CORREA, 2016), na qual o professor atua como mediador dos processos de elaboração e significação na linguagem escrita.

Práticas pedagógicas de ensino da escrita e mediações construídas no cotidiano escolar: uma experiência de mediação da escrita a partir de Carolina Maria de Jesus

Uma das experiências mais significativas desenvolvidas no âmbito do ecossistema formativo descrito neste artigo ocorreu no início do ano letivo, em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental, ainda em período de atividades diagnósticas. Considerando que parte expressiva dos estudantes reside na região da Grande Tijuca, optou-se por iniciar uma sequência de trabalho com a figura de Carolina Maria de Jesus, mobilizada a partir do samba-enredo de 2026 e articulada à apresentação de sua trajetória de vida, de sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo*, e das características do gênero diário. A escolha do tema se deu tanto por sua relevância literária e histórica quanto por seu potencial de produzir reconhecimento, implicação e debate entre os estudantes.

O primeiro movimento da proposta consistiu na apresentação de elementos biográficos da autora e na conversa coletiva sobre sua condição de mulher negra, escritora, moradora de favela e autora de uma obra fundamental para a literatura brasileira. Nesse momento, uma das bolsistas compartilhou com a turma sua própria experiência de leitura de *Quarto de despejo*, explicitando como a expressão “quarto de despejo” podia ser compreendida não apenas em sentido material, mas também metafórico: um espaço de acúmulo de tristeza, exclusão e abandono, ao mesmo tempo em que remetia, literalmente, à realidade de despejo de lixo ao lado da moradia de Carolina. A reação dos estudantes foi de forte impacto e surpresa. Esse momento de escuta e partilha mostrou-se pedagogicamente potente, pois favoreceu não apenas o interesse pelo tema, mas também a produção de vínculos entre texto, vida social e experiência humana. Tal articulação reforça a compreensão de que a escrita escolar pode ganhar sentido quando se conecta a contextos de circulação social da linguagem e a práticas de significação que ultrapassam o exercício formal de escrever. Nesse sentido, a escola constitui um espaço fundamental de acesso aos bens simbólicos socialmente valorizados, entre os quais a linguagem escrita ocupa posição central (BOURDIEU, 1989).

Na sequência, foi solicitado que os estudantes registrassem, em tópicos, informações principais sobre a escritora. O que inicialmente se colocava como atividade diagnóstica rapidamente se transformou em movimento de ampliação investigativa: as crianças passaram a solicitar novas informações sobre Carolina Maria de Jesus, formulando perguntas e demonstrando interesse em saber mais sobre sua vida, sua obra e suas condições de existência.

As bolsistas realizaram então mediações pedagógicas qualificadas e individualizadas, apoiando a organização das ideias, retomando informações discutidas coletivamente e incentivando a elaboração textual dos estudantes. Esse deslocamento da simples recepção de informações para uma postura ativa de busca e organização do conhecimento é particularmente relevante no ensino da escrita, pois evidencia que a produção textual se fortalece quando o estudante encontra razões para escrever e quando dispõe de repertório temático para sustentar sua elaboração (CAMPS, 2006).

A partir desse processo, a turma construiu coletivamente um mapa mental com quatro grandes núcleos de informação sobre a autora. Esse mapa passou a funcionar como dispositivo de planejamento textual, organizando os conteúdos que posteriormente seriam desenvolvidos na escrita da biografia. Cada ramo do mapa correspondia, na proposta pedagógica, a um parágrafo do texto final. A atividade permitiu trabalhar, de modo bastante concreto, a passagem entre levantamento de informações, organização de ideias e textualização, favorecendo uma compreensão processual da escrita. Tal encaminhamento dialoga com a perspectiva de que escrever envolve etapas de planejamento, elaboração e revisão, e não apenas a produção imediata de um texto acabado (CAMPS, 2006).

Um aspecto central dessa experiência foi a possibilidade de construir diferenciação pedagógica em uma turma bastante heterogênea e essas adaptações pedagógicas, de linguagem e de intervenção foram feitas, pelas bolsistas dos projetos de ensino, de maneira individual para aqueles que precisavam de mais suporte de aprendizagem. Para estudantes com demandas específicas no campo da alfabetização, a proposta foi realizada com apoio de alfabeto móvel e de tablet com recursos de comunicação alternativa e aumentativa (CAA).

Para estudantes em fase de conclusão do processo de alfabetização, foram propostas frases informativas sobre a biografia de Carolina, permitindo o trabalho com unidades textuais menores, porém semanticamente significativas. Já os estudantes com maior experiência em produção escrita foram convidados a elaborar um texto do gênero biografia com quatro parágrafos, articulando as informações construídas no mapa mental.

Nesse ponto, a atuação das bolsistas foi decisiva, especialmente no acompanhamento de uma estudante que havia concluído seu processo de alfabetização há poucos meses e ainda estava construindo fluência de leitura e ritmo de registro escrito, bem como no apoio a um estudante em fase silábico-alfabética, com laudo de paralisia cerebral. A experiência evidencia que o ensino da escrita, para ser efetivamente inclusivo, precisa combinar intencionalidade

didática, leitura fina das necessidades dos estudantes e mediações ajustadas aos diferentes ritmos de aprendizagem.

Nas aulas seguintes, a proposta foi ampliada com a exibição do vídeo da comissão de frente e da apresentação de mestre-sala e porta-bandeira da GRES Unidos da Tijuca, o que acrescentou novos elementos simbólicos e estéticos à discussão sobre Carolina Maria de Jesus. Com isso, a sequência deixou de se restringir à escrita de uma biografia e passou a incorporar debate sobre condições de trabalho na atualidade, desigualdade social e permanências históricas de opressão. As intervenções situadas das bolsistas mostraram-se indispensáveis nesse momento, pois contribuíram para sustentar o desenvolvimento argumentativo de uma turma marcada por diferentes infâncias, diferentes níveis de aprendizagem e grande potência criativa. Tal experiência reforça que a mediação docente no ensino da escrita não se limita ao acompanhamento da forma textual, mas envolve também a sustentação de processos de elaboração de ideias, ampliação de repertório e construção de relações entre texto e realidade social (GERALDI, 1991; PIETRI, 2013).

A sequência ganhou novo desdobramento quando, em diálogo com o Dia Internacional da Mulher, os estudantes passaram a relacionar os direitos das mulheres à trajetória de Carolina Maria de Jesus. Com base em um novo mapa mental, já previamente estruturado, elaboraram um texto de natureza relacional, associando a figura de Carolina aos debates contemporâneos sobre gênero, trabalho, desigualdade e direito à voz. Em seguida, alguns estudantes pediram para ler seus textos em voz alta para o grupo. Esse movimento é particularmente expressivo porque indica um avanço qualitativo no trabalho com a escrita: os estudantes deixaram de apenas registrar informações sobre uma personagem histórica para estabelecer relações interpretativas entre diferentes temas e temporalidades. Do ponto de vista pedagógico, esse deslocamento mostra a importância de propostas que apoiem a passagem da escrita informativa para formas mais complexas de elaboração textual, nas quais a autoria se manifesta também na capacidade de relacionar, interpretar e posicionar-se.

Tomada em seu conjunto, essa experiência permite observar com nitidez como o ecossistema formativo analisado neste artigo opera na prática. As bolsistas não atuaram apenas como apoio genérico à professora, mas como mediadoras de processos de leitura, planejamento, oralização, organização textual e produção de sentidos. Ao participarem dessa sequência, construíram saberes docentes relacionados à observação dos processos de aprendizagem, à diferenciação pedagógica, ao uso de suportes didáticos para o planejamento da escrita e à mediação de debates que articulam linguagem e realidade social. Ao mesmo tempo, a atividade

evidencia que o ensino da escrita, quando organizado de forma processual, situada e inclusiva, pode favorecer tanto o desenvolvimento textual quanto a ampliação das possibilidades de participação dos estudantes na cultura escrita. Nessa perspectiva, a experiência com Carolina Maria de Jesus torna visível que a escrita escolar pode funcionar, simultaneamente, como prática de linguagem, instrumento de elaboração do pensamento e ferramenta de equidade educacional (CAMPS, 2006; GERALDI, 1991; PIETRI, 2014; SPINILLO; CORREA, 2016).

Considerações finais

A análise desenvolvida neste artigo permite afirmar que a formação inicial de professores, quando organizada em um ecossistema formativo que articula pesquisa, prática pedagógica e produção didática, ganha densidade e potência formativa. A experiência acompanhada no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) evidencia que a inserção continuada de licenciandos no cotidiano das turmas dos anos iniciais, em torno do ensino da escrita, favorece a construção de saberes docentes relacionados à observação pedagógica, à mediação didática, ao planejamento e à reflexão sobre os processos de aprendizagem dos estudantes.

O episódio da sequência didática apresentado neste estudo, envolvendo o trabalho com a biografia de Carolina Maria de Jesus em uma turma de 5º ano, permite observar de maneira concreta o funcionamento desse ecossistema formativo. Ao participar da organização das atividades, da mediação das discussões e do acompanhamento da produção textual dos estudantes, as bolsistas passaram a experimentar práticas centrais da docência no ensino da escrita. Essas intervenções envolveram a formulação de perguntas orientadoras, o apoio à elaboração das ideias, o uso de recursos didáticos para o planejamento textual e a construção de mediações diferenciadas diante da heterogeneidade da turma. Nesse processo, os licenciandos não apenas acompanharam as atividades escolares, mas participaram ativamente da construção de condições pedagógicas para o desenvolvimento da escrita.

A experiência analisada também evidencia que o ensino da produção textual nos anos iniciais exige uma organização didática que articule diferentes estratégias de apoio à elaboração escrita, como o uso de mapas mentais, a organização de tópicos informativos, a oralização das ideias e a mediação das relações entre texto e realidade social. Ao acompanhar essas práticas e participar de sua elaboração, os licenciandos ampliam sua compreensão sobre a escrita como processo de construção de sentidos, e não apenas como produto final a ser avaliado. Essa

perspectiva reforça a importância de compreender a escrita escolar como prática discursiva e socialmente situada, fundamental para a participação dos estudantes nas atividades escolares e na vida social.

Em resposta à questão de pesquisa que orientou este estudo, concluímos que a participação de licenciandos em um ecossistema formativo que articula pesquisa, prática pedagógica e produção didática contribui para a construção de saberes docentes porque cria condições para uma inserção real, acompanhada e reflexiva no ensino da escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tal inserção permite que os futuros professores aprendam a observar os processos de aprendizagem dos estudantes, a construir mediações pedagógicas ajustadas às diferentes necessidades da turma e a compreender o ensino da escrita como trabalho didático que envolve escuta, planejamento e tomada de decisões pedagógicas.

Nesse sentido, o estudo reforça a importância de experiências formativas que aproximem universidade e escola e que tomem a sala de aula como espaço privilegiado de aprendizagem da docência e de produção de conhecimento sobre o ensino da escrita.

Referências

- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- CAMPS, Anna. Texto, processo, contexto, atividade discursiva: diferentes pontos de vista sobre a atividade de aprender e de ensinar a escrever. In: CAMPS, Anna (org.). *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 13–32.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.
- PIETRI, Emerson de. A constituição da escrita escolar em objeto de análise dos estudos linguísticos. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 46, n. 2, p. 283–297, 2007.
- PIETRI, Emerson de. Os limites do contexto: a constituição da escrita escolar em objeto dos estudos linguísticos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 13, n. 3, p. 515–542, 2013.
- PIETRI, Emerson de. Os estudos linguísticos e a constituição de objetos de discurso: os conceitos da linguística textual como referência para o tratamento teórico-analítico da escrita escolar. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 58, n. 2, p. 371–400, 2014.
- SPINILLO, Alina Galvão; CORREA, Jane. A revisão textual na perspectiva de professoras do ensino fundamental. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 62, p. 107–123, out./dez. 2016.